

Os professores franceses e a redescoberta do Brasil

MARIETA DE MORAES FERREIRA

As relações culturais entre a França e o Brasil têm longa tradição.* A presença francesa no universo cultural brasileiro manifestou-se de maneira consistente desde o início do século XIX, por intermédio de missões científicas e culturais, de escolas religiosas e da Aliança Francesa, criada em 1896. Contudo, foi no começo do século XX que essas relações passaram a ser mais sistemáticas. Foi então, em 1908, que a Universidade de Paris criou o *Groupement des Universités et des Grandes Écoles de France pour les relations avec l'Amérique Latine*, com o objetivo de promover o intercâmbio acadêmico entre a França e a América Latina.

No que concerne especificamente ao Brasil, essas iniciativas tiveram em Georges Dumas seu principal promotor. Médico eminente, professor da Faculdade de Paris, onde dirigiu a partir de 1896 o

Doutora em História pela UFF, pós-doutorado na Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales – EHSS, Paris; professora de História do IFCS/UFRJ; pesquisadora do CPDOC-FGV e presidente da Associação Internacional de História Oral – IOHA, desde junho 2000.

* Este texto é uma versão modificada do artigo "Os professores franceses e o ensino da História no Rio de Janeiro no anos 30". In: MAIO, Marcos Chor e VILLAS-BÔAS, Gláucia (orgs.). *Ideais de Modernidade e Sociologia no Brasil*. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade, 1999.

A cidade de São Paulo, em 1935, ainda cidade pioneira, se transformava em metrópole industrial e financeira. Fotografia de Claude Lévi-Strauss, publicada no livro *Saudades do Brasil*. Paris: Plon, 1994, p. 27.

Laboratório de Psicologia Patológica, *agrégé* de Filosofia e doutor em Letras,¹ esse brilhante universitário participou desde o início do Groupement, fazendo suas primeiras viagens à América do Sul já em 1908. No Brasil, organizou cursos e palestras, e fundou no Rio de Janeiro a Aliança Universitária Franco-Latina (seção brasileira) (Lefèvre, 1993).

Se entre 1914 e 1920 o intercâmbio cultural com a França foi bastante reduzido, em virtude, sobretudo, da Primeira Guerra Mundial, os anos 1920 iriam recolocar na ordem do dia a influência francesa. Apoiado pelo *Fond pour l'Expansion Universitaire et Scientifique de la France à l'Étranger*, criado em 1912, e a partir de 1919 pelo *Service d'Œuvres à l'Étranger*, George Dumas presidiu, em colaboração com autoridades de São Paulo e do Rio, a instalação do *Institut Franco-Brésilien de Haute Culture* no Rio (1922) e em São Paulo (1925). Foram iniciativas decisivas, pois foi precisamente por intermédio desses institutos e das estreitas relações que mantinham com a Universidade de Paris que o ensino superior francês, pouco a pouco, ganhou seu espaço no Brasil.

No começo dos anos 1930, embora a França parecesse preparada para garantir sua influência no campo universitário brasileiro que então se estruturava, as dificuldades nas relações comerciais entre os dois países geraram entraves à efetivação desse projeto. A isso se somava o interesse de países como a Alemanha e a Itália em desempenhar um papel relevante nas novas universidades que estavam sendo criadas no Rio e em São Paulo. Nesse quadro, em que a tradicional hegemonia cultural francesa se via ameaçada, os franceses não mediram esforços para afastar seus competidores. Assim, no ano de 1933, foi particularmente intensa a ação do *Institut Franco-Brésilien de Haute Culture*, que promoveu uma série de conferências proferidas pelos professores da Sorbonne Robert Garric e Jean Genet, sob a liderança de Dumas.²

¹ Ver LEFÈVRE, J.P., 1993, p. 25.

² Carta de M. Du Chaffault, encarregado de negócios da República Francesa no Brasil ao M. Paul Boncour, Ministro dos Negócios Estrangeiros em Paris, 31-12-1933. Nantes, MAE, SOFE, caixa 439.

O tom da correspondência trocada na época entre altos funcionários do Ministério das Relações Exteriores francês lotados no Brasil indicava uma certa insegurança acerca do futuro da ascendência cultural francesa. Percebe-se, nessa documentação, o interesse crescente em não perder terreno diante da influência de outros países. Um relatório, não assinado e não datado, elaborado pelo consulado francês em São Paulo, expunha os debates a propósito das diferentes orientações educacionais em pauta na época, enfatizando a concorrência italiana e a americana e a necessidade de os franceses garantirem sua posição.³ Em carta datada de 22 de fevereiro de 1934 e endereçada a M.L. Hermitage, embaixador da França no Brasil, J. Pingaud, cônsul em São Paulo, relatava as pressões que o interventor paulista Armando Sales vinha sofrendo por parte de grupos italianos: *“Les italiens estiment qu’ils ne peuvent se contenter de deux chaires qui leur seront accordées, que les huit chaires réservées à nos compatriotes dans les nouvelles universités des Lettres, Sciences, Philosophie e Physique, doivent leur revenir de droit, notamment celles des Lettres, puisqu’ils sont environ 500.000 ici, ont contribué à la prospérité de São Paulo, et représentent la civilisation latine la plus ancienne.”* Em outro documento, o mesmo Pingaud declarava: *“C’est, en conclusion, notre influence au Brésil, notre propre civilisation, que nous jouons. Il s’agit de gagner la partie; il faut jouer vite.”*⁴ Ainda nesse documento, o diplomata afirmava que chegara o momento de recuperar, rapidamente, a influência francesa perdida no Brasil.

A discussão travada entre as autoridades diplomáticas francesas no Brasil acabou transbordando, ao longo de 1934, para o Ministério das Relações Exteriores em Paris, por meio das cartas trocadas entre o embaixador francês no Rio e o ministro M. Barthou. O conteúdo da correspondência fornece informações sobre as preocupações francesas diante “dos esforços efetivados pelos italianos para desenvolver sua influência na nova Universidade da cidade

³ Remarques Générales sur la Faculté de Philosophie, Sciences et Lettres de São Paulo. Nantes, MAE, SOFE, caixa 439.

⁴ Carta datada de 22 de fevereiro de 1934 e nota enviada por M. Pingaud, cônsul da França em São Paulo, datada 22/02/34. Nantes, MAE, SOFE, caixa 439.

de São Paulo”.⁵ Toda essa documentação mostra claramente que, se havia interesse da parte dos brasileiros em contar com a colaboração francesa para montar as novas universidades, também era visível o desejo francês de garantir sua influência num momento crucial de mudanças educacionais no Brasil.

Com a fundação da Universidade de São Paulo (USP) em 1934, da Universidade do Distrito Federal (UDF) em 1935, e da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFil) da Universidade do Brasil em 1939, organizaram-se afinal as missões universitárias francesas compostas não mais de conferencistas eventuais, mas de professores que iriam se transferir para o Brasil e tornar-se responsáveis por cursos completos. Tentaremos ver como essas missões se formaram concretamente, definindo de maneira mais precisa, de acordo com nosso interesse, o perfil dos professores de História e Geografia que as integravam. As articulações para a vinda dessas missões constam da documentação diplomática francesa a partir de 1934.

Assim, em fevereiro de 1934, temos notícia de uma carta de Júlio de Mesquita, dono do jornal *O Estado de S. Paulo*, a Georges Dumas, recomendando o professor da Escola Politécnica, Theodoro Ramos, que estava viajando para a França com o objetivo de escolher professores para a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, criada no final do mês anterior pelo interventor paulista Arinando Sales: “*Nous savons, donc, tout ce que vous avez fait pendant plus de vingt ans pour la propagande au Brésil et surtout à São Paulo des idées universitaires, aujourd’hui victorieuses et en pleine réalisation. C’est pourquoi, il (Theodoro Ramos) s’adresse en ce moment à vous, certain que de votre collaboration dépendra le succès de sa délicate mission.*”⁶

O desdobramento dessas negociações está presente na correspondência enviada a M. Chartely, reitor da Académie de Paris e presidente do Conseil de l’Université à la Sorbonne, pelo Service d’Œuvres Françaises à l’Étranger (SOFE), com cópia para Georges Dumas. A carta, datada de 1.º de maio de 1934, anunciava a chegada à França de Theodoro Ramos, com a missão de en-

⁵ Carta datada de 13 de abril de 1934. Nantes, MAE, SOFE, caixa 439.

⁶ Nantes, MAE, SOFE, caixa 439.

gajar professores franceses para a recém-criada Universidade de São Paulo, e solicitava seu concurso para a realização desse intento.

Alguns meses mais tarde, é possível acompanhar as negociações empreendidas pela UDF para a vinda de professores franceses para o Rio. Em carta do embaixador francês M. Hermite ao ministro das Relações Exteriores na França, e, em seguida, deste ao secretário da Academia Francesa, era anunciada a chegada a Paris, com este fim, de Afrânio Peixoto, reitor da UDF: "*Vous appréciez certainement comme moi l'importance de M. Peixoto, qu'il aurait lieu d'entourer du maximum de soins possible. Notre ambassadeur au Brésil dans une lettre, dont vous trouverez ci-joint la copie, me signale d'ailleurs l'intérêt de la visite de M. Afrânio Peixoto.*"⁷

Essas cartas demonstram, mais uma vez, o interesse das autoridades francesas em atender às demandas brasileiras. No caso da UDF, a questão foi encampada pelo próprio embaixador francês e pelo ministro de Relações Exteriores, tendo sido solicitado para Afrânio Peixoto o tratamento que normalmente se conferia às grandes autoridades. No caso da USP, o circuito de relações envolvia Júlio Mesquita, Georges Dumas, o chefe do SOFE e finalmente o reitor. Em ambas as situações, porém, percebe-se o interesse da França em garantir sua presença no processo de criação das universidades brasileiras.

Concentrando-nos nas áreas de História e Geografia, vejamos como eram recrutados os professores, quem eram eles e por que razões se dispuseram a vir para o Brasil.

A grande figura nesse processo de recrutamento foi o já mencionado Georges Dumas. Profundo conhecedor da realidade brasileira e amigo de membros da elite do país, Dumas tinha excelente trânsito entre as autoridades diplomáticas francesas e, ao mesmo tempo, uma inserção importante no campo intelectual e acadêmico francês. O fato de ser *normalien* e professor da Sorbonne lhe franqueava o acesso a uma rede de nomes respeitados, espalhados por diferentes instituições francesas. Era, por exemplo, da mesma geração e contemporâ-

⁷ Carta de M. de Negócios Estrangeiros, S. Coulandre, à M. Chartely – abril de 1935. Nantes, MAE, SOFE, caixa 439.

neo na École Normale Supérieure de Henri Hauser, professor da Sorbonne e renomado historiador. Graças a essa proximidade, Hauser viria a ser um aliado importante na arregimentação de professores de História tanto para a USP quanto para a UDF.

Outra figura que também desempenhou o papel de caçador de talentos foi o professor de Francês da Sorbonne Robert Garric. Militante católico, fundador das Equipes Sociais,⁸ Garric já tinha vindo diversas vezes ao Brasil para proferir conferências em diferentes capitais do país. Era um líder católico de renome na França e tinha acesso garantido a toda uma rede de intelectuais brasileiros ligados à Igreja Católica.

O grupo de professores franceses de História e Geografia que se encaminhou para a Universidade de São Paulo, do qual faziam parte Fernand Braudel e Pierre Mombeig, já mereceu estudos. Por isso mesmo, nosso interesse se voltou para o Rio de Janeiro, para aqueles que participaram da fundação dos cursos de História e Geografia na UDF e na FNFi-UB. É sua trajetória profissional, a maneira como seus ensinamentos foram aqui recebidos, o impacto que provocaram na constituição de um novo campo universitário, e sua atuação na divulgação da História do Brasil na França, que procuraremos acompanhar. Os professores de História e Geografia que vieram para o Rio nos anos 1930 foram Henri Hauser, Eugène Albertini e Pierre Deffontaines, para a UDF, e Victor Tapié e Antoine Bon, para a FNFi. Pierre Deffontaines também trabalhou na Universidade paulista.

Quem eram esses professores? O mais importante deles era Henri Hauser, que, diferentemente de seus companheiros, ocupava um lugar de destaque na estrutura acadêmica francesa. Tinha sido um dos precursores da História Econômica, e sua obra historiográfica era considerada de grande relevância (Crouzet, 1995, e Venancio Filho, 1997).

Hauser nasceu em 1866 e faleceu em 1946. De família judia, de origem humilde,⁹ cursou a École Normale Supérieure, foi aprovado no exame de

⁸ Movimento católico voltado para a juventude e que tinha como propósito promover o intercâmbio educacional entre os jovens intelectualizados e os de extração popular.

⁹ Entrevista de Françoise Crouzet à Marieta de Moraes Ferreira, março de 1997, em Paris.

agrégation em 1888 e terminou o doutorado em 1892. Sua longa carreira, que o fez passar por várias universidades no interior da França antes de chegar à Sorbonne, teve início num período de afirmação da História como disciplina e de consagração do ofício de historiador (Noiriel, 1990). De fato, o período 1870-1914 é considerado a idade de ouro da profissionalização da História na França. Nessa fase, não só foram definidas com precisão as regras para a construção de um método de investigação histórica que afastasse os amadores, como os historiadores passaram a ocupar lugares-chave na estrutura de poder da Universidade, abrindo espaço no mercado de trabalho para os profissionais da História. Ligado à afirmação de um novo saber histórico, surgiu também naqueles anos um novo instrumento de divulgação: a revista científica. Em 1874, foi criada por Monod a *Revue Historique* e, em 1899, a *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, para citar apenas as mais importantes.

Naturalmente, a carreira e a obra de Hauser se beneficiaram dessa conjuntura favorável. O jovem historiador foi aluno de Monod, compartilhou as regras propostas por Seignobos para defender “*la méthode historique*” e integrou-se à rede de relações profissionais que a *Revue Historique* e a *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine* teceram. Muitos de seus trabalhos foram publicados nesses periódicos.

No entanto, se o jovem Hauser tinha uma boa inserção no campo da História, que se afirmava e se ampliava, suas opções pessoais, políticas e profissionais muitas vezes lhe trouxeram problemas. Em 1898, foi praticamente expulso da Universidade de Clermont Ferrand por grupos católicos, em virtude de seu envolvimento político no chamado caso Dreyfus, que provocou grande mobilização entre os intelectuais franceses.¹⁰ Nos anos seguintes, sua opção pela História Econômica, campo de pesquisa ainda pouco reconhecido na França, criou dificuldades para seu ingresso na Sorbonne. Em 1907, disputou com C. Bouglé, sociólogo ligado a Durkheim, a cadeira de História Econômica e Social e foi derrotado. Enquanto os sociólogos cerraram fileiras em apoio a seu candidato, Hauser não obteve respaldo suficiente entre os historiadores (Weisz, 1979).

¹⁰ Dossiê de Henri Hauser. A.N.F.

Em 1919, Hauser conseguiu afinal ingressar na Sorbonne como *chargé de cours*. Somente em 1927 tornou-se professor de História Econômica, cadeira na qual permaneceu até aposentar-se em 1935. Publicou inúmeros livros e artigos. Além de colaborador assíduo das duas revistas acima citadas, participou, desde o começo da década de 1920, das articulações para o lançamento da revista *Annales d'Histoire Economique et Sociale*, vindo a integrar, a partir do momento da criação da revista, em 1929, seu comitê de redação.

Marc Bloch e Lucien Fèbvre mantiveram com Hauser, ao longo dos anos 1920 e 1930, uma relação de respeito e admiração, conforme pode ser constatado na correspondência publicada entre os dois historiadores fundadores dos *Annales*. Hauser é percebido como um elemento importante para o lançamento da nova revista, funcionando como elo de ligação entre aqueles que defendiam uma nova maneira de fazer história e setores mais tradicionais, que ocupavam postos importantes nas principais instituições francesas de ensino e pesquisa.¹¹ A resenha publicada por Marc Bloch nos *Annales* (1935) sobre “La Préponderance Espagnole”, de Hauser, permite perceber a relevância de sua obra.¹² A de Fernand Braudel na *Revue de Synthèse* (tomo IX, n. I, 1935, p. 55) segue a mesma orientação.

No que se refere ao Brasil, Hauser também desempenhou um papel-chave, pois, acionando sua rede de relações, não só indicou vários nomes para integrar as missões que vieram para São Paulo (entre os quais Pierre Monbeig e Fernand Braudel), como foi um dos primeiros a escrever e publicar sobre o Brasil na França, permitindo aos franceses uma “redescoberta” do Brasil. Em 1937, publicou na *Revue Historique* um ensaio bibliográfico sobre a historiografia brasileira, no qual discutia as obras dos principais historiadores do país, como Varnhagen e Capistrano de Abreu, e também divulgava os esforços de jovens estudantes universitários cariocas para criar um Centro de Estudos Históricos em 1936.¹³

¹¹ Ver, a esse respeito, correspondência Lucien Febvre – Marc Bloch, pp.14, 158, 185, 152, 256, 252.

¹² Ver *Annales d'Histoire Economique e Sociale* – 1935, VII, p. 380.

¹³ Ver “Notes et réflexions sur le travail historique au Brésil”. *Revue Historique*, 1937, pp. 85-95.

Em 1937 e 1938, publicou vários artigos sobre o Brasil nos *Annales*. O primeiro deles versava sobre a figura de Mauá e intitulava-se “Un problème d’influences: le Saint-Simonisme au Brésil” (*Annales*, 1937, v. 9).

Sua atuação no Curso de História na UDF consistiu não só em organizar a cadeira de História Moderna, mas também em apresentar propostas para a montagem do curso como um todo, em geral valorizando as cadeiras de conteúdo histórico em detrimento das disciplinas de formação pedagógica. A cadeira de História Moderna sofreu então uma duplicação de carga horária, passando de três para seis horas semanais. A influência marcante de Hauser na estruturação curricular e na difusão de uma nova concepção de História Econômica e Social estava conectada com os movimentos de renovação da disciplina na França.

Outro importante professor de História que participou das missões francesas e trabalhou no Rio de Janeiro foi o professor de História Antiga da UDF Eugène Albertini. Ainda que de uma geração mais jovem que Hauser (nasceu em 1888, mas faleceu antes, em 1941), que usufruiu de menos facilidades para ingressar no mercado de trabalho dos historiadores, Albertini rapidamente se colocou bem em termos profissionais. Formado pela *École Normale Supérieure* em 1900, *agrégé des lettres* em 1903, após um concurso brilhante, passou três anos na *École de Rome*. A seguir, após um curto retorno ao ensino secundário, tornou-se, entre 1909 e 1912, membro da *École des Hautes Études Hispaniques*. Depois da guerra, foi professor de Língua e Literatura Clássica na Universidade de Fribourg (1919) e de História Antiga na Faculdade de Letras de Argel (1920) até ingressar, em 1932, no *Collège de France*, em Paris.

Uma biografia de Albertini, por mais curta que seja, mostra a multiplicidade de sua competência. Reconhecido latinista, também se destacou como arqueólogo e epigrafista. Sua obra concentrou-se no estudo do Império Romano, em especial da África romana. Publicou um grande número de livros e artigos e integrou o conselho de redação da *Revue Historique*. Foi ainda colaborador dos *Annales*.¹⁴ Em pleno apogeu de sua carreira acadêmica na França, veio para o

¹⁴ Ver *Revue Historique*, 1941, p. 373.

Brasil com a perspectiva de participar do esforço do Governo francês para assegurar um lugar expressivo para a cultura francesa nas universidades brasileiras em fase de organização.

Não tendo escrito nenhum texto sobre o Brasil (o que é compreensível, em virtude de sua especialidade), Albertini pautou sua atuação na UDF pela apresentação de propostas de reestruturação do programa de História Antiga. No momento de sua estada no Brasil, já usufruía de grande prestígio na Argélia e na França e estava inserido numa importante rede de relações acadêmicas. No que diz respeito à sua maneira de conceber a História, criticava a hegemonia da história política e reivindicava uma história dos povos e civilizações.¹⁵



Além dos professores com formação específica em História, os geógrafos exerceram forte influência nos cursos de sua disciplina. Foi este o caso de Pierre Deffontaines. Nascido em Limoges em 21 de fevereiro de 1894 e morto em Paris em 5 de novembro de 1978, desde muito cedo Deffontaines demonstrou interesse pela Geografia, acabando por se dedicar ao desenvolvimento desse campo do saber. Seus primeiros estudos foram, contudo, no campo do Direito, em que formou em 1916, em Poitiers. Em seguida, mudou-se para Paris e passou a frequentar a Sorbonne, onde obteve o diploma de estudos superiores de Geografia. Nos anos seguintes, cumpriu as etapas usuais da carreira do magistério na França: *agrégation* em História e Geografia (1922), professor e diretor do Instituto de Geografia da Faculdade Católica de Lille (1925-1939), *chargé de cours* de Geografia Pré-histórica na École d'Anthropologie de Paris, doutor em Geografia pela Sorbonne (1932) e secretário-geral da Sociedade de Geografia de Lille (1932-1937).

Deffontaines iniciou seu contato com o Brasil na década de 1930, fundando a cadeira de Geografia na USP em 1935. Em seguida criou a cadeira de Geografia na UDF, onde lecionou de 1936 a 1938. Foi também um dos principais

¹⁵ Ver *Lições Inaugurais da Missão Universitária Francesa em 1936*, p. 21.

responsáveis pela criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros, do Conselho Nacional de Geografia e da *Revista Brasileira de Geografia*. Promoveu, igualmente, a participação do Conselho Nacional de Geografia do Brasil no Comitê Internacional de Geografia.

Além de sua intensa atividade intelectual, Deffontaines era um militante católico extremamente atuante, ligado ao grupo de Robert Garric. Diferentemente de seus colegas de missão, quando decidiu vir ao Brasil em 1935, tinha pouca projeção acadêmica na França. Professor da Faculdade Católica de Lille, seu projeto era conquistar uma vaga numa universidade pública. Com esse objetivo candidatou-se a *maître de conférence* nas universidades de Rennes (1933) e Poitiers (1935), mas não obteve sucesso em nenhuma das duas tentativas. Suas dificuldades parecem ter-se originado de suas complicadas relações com seu orientador, o geógrafo Albert Demangeon. Filiado à geografia de Vidal de la Blache, Demangeon, além de professor da Sorbonne, ocupava um lugar de destaque no campo intelectual francês, mantendo intenso contato com os historiadores ligados à revista *Annales*.¹⁶ Na condição de católico militante, Deffontaines sentia-se mais próximo do geógrafo também católico Jean Brunhes, do Collège de France, que tinha uma concepção de geografia humana ligada às causalidades religiosas e temporais.¹⁷

A vinda para o Brasil representou uma alternativa profissional importante para Deffontaines. No Brasil, ligou-se a grupos católicos que seguiam a orientação de Alceu Amoroso Lima, mas também ampliou sua atuação em outras direções. Fez diversas viagens pelo país, escreveu artigos e livros sobre temas brasileiros, proferiu várias palestras e conferências. O Brasil representou um laboratório de pesquisa privilegiado para o geógrafo francês e serviu de base para grande parte da sua produção.



¹⁶ Ver a esse respeito Lucien Febvre, *Annales*, 1941, p. 85.

¹⁷ Ver Diário de Pierre Deffontaines.

O encerramento da experiência da UDF em 1939 e a consolidação da recém-criada Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, sob a égide do Ministério da Educação, abririam espaço para uma nova missão universitária francesa. Dois novos professores, Victor Tapié e Antoine Bon, vieram participar dessa nova etapa da criação dos cursos de História no Rio de Janeiro.

Victor Lucien Tapié nasceu em 1898 e faleceu em Paris em 1975. Sua carreira foi marcada desde cedo pelo interesse pelo estudo da História dos países da Europa Central e da época moderna. Já na sua tese de doutorado, defendida na Sorbonne em 1934, dedicou-se à política externa da França no começo da Guerra dos 30 anos (1616-1621). Nos anos seguintes, manteve seu interesse por essa temática publicando alguns trabalhos sobre a Áustria, a Tchecoslováquia e a Hungria. Mesmo tendo sido orientando de Pierre Renouvin, grande professor da Sorbonne, e mantendo-se ligado à rede de relações desse historiador, não conseguiu obter logo um posto como professor universitário na França.¹⁸ Em 1939 fez concurso para *maître de conférence* na Sorbonne, mas não foi aprovado.

Diferentemente de seus colegas Hauser e Albertini, que participaram do processo de criação da UDF, e que já usufruíam de um estatuto profissional ao vir para o Brasil, Tapié ainda era um jovem desconhecido, com poucas publicações, e que tinha como área de interesse algo muito distante do Brasil. Ainda assim, em 1939 optou por vir trabalhar no país, onde permaneceria até 1943. O motivo dessa escolha não é explicado na documentação consultada. Pode-se supor que os problemas trazidos pela Segunda Guerra e os contatos de Tapié com grupos católicos tenham facilitado sua vinda para o Brasil como professor de História. Afinal, ele veio para cá exatamente no momento em que o líder católico Alceu Amoroso Lima passou a dirigir a Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro.

¹⁸ Entrevistas de Jacques Revel e Jean Beranger concedidas a Marieta de Moraes Ferreira. Paris, março de 1997. Ver também *Universalis Encyclopaedia* (1975).

No Brasil, Tapié procurou buscar um ponto de contato entre temas brasileiros e sua experiência de pesquisa prévia com os países de Europa central. A solução encontrada foi o estudo do Barroco mineiro. Atendo-se a essa temática, procurou relacionar os problemas do Barroco da Europa Central com os do Brasil. Na verdade, esse tema funcionou como estímulo para que Tapié viesse a produzir sua obra mais importante sobre a Europa Central, dedicada ao Barroco e ao Classicismo naquela região.

Ainda que tenha permanecido um período bastante longo na FNFi, comparativamente a seus colegas que vieram para o Rio ou mesmo para São Paulo, Tapié não chegou a ter uma produção expressiva sobre o Brasil. Depois de voltar à França, publicou em 1946 uma obra dedicada à América Latina, intitulada *Histoire de l'Amérique Latine dans le XIX^{ème} siècle*, que pode ser caracterizada com um trabalho bastante tradicional de história política e *événementielle*. Em resenha publicada em 1947, Fernand Braudel tece os seguintes comentários sobre a obra: “*le livre est un miroir brisé en éclats, plus un répertoire, et facile à consulter, qu’une explication. Je crois aussi que les faits politiques et biographiques occupent en ces pages une place abusive.*”¹⁹ Enfim, Tapié apresentava-se como um historiador vinculado a uma concepção da História que não continha nenhuma proposta inovadora.

Após seu retorno à França, Tapié mais uma vez candidatou-se a professor de História Moderna na Sorbonne, dessa vez com sucesso. Permaneceu no cargo até à aposentadoria. Ao longo dos anos, conseguiu firmar-se como um professor renomado, mas vinculado a uma tradição historiográfica pouco aberta a inovações. Seus contatos com o Brasil também não tiveram continuidade, e sua memória entre seus ex-alunos brasileiros apagou-se quase completamente.

Antoine Bon foi outro professor francês que veio em 1939 para o Rio de Janeiro, para ocupar a cadeira de História Antiga na FNFi. Permaneceu vários anos no Brasil, mas, ao que parece, também não deixou maior influência entre seus alunos.

¹⁹ *Annales*, 1947, n.º 12, p. 226.

O balanço das trajetórias dos professores de História e Geografia que atuaram no Rio de Janeiro pode fornecer informações interessantes para se avaliar a importância de sua contribuição para a estruturação dos cursos de História no Rio e no Brasil e para a maior difusão de temas brasileiros entre os franceses.

Em primeiro lugar, é preciso ressaltar a diversidade da composição das missões francesas. Os professores eram oriundos de gerações diferentes, tinham formações distintas e estavam em estágios profissionais também muito diferenciados. No que diz respeito às formas de conceber e ensinar a História, também havia diferenças. Enquanto Hauser e Albertini já eram grandes professores e tinham como perspectiva o ensino de uma História Social e Econômica, que valorizasse o estudo das sociedades, da vida cotidiana e das relações sociais, Tapié e Bon estavam comprometidos com o estudo descritivo dos grandes eventos, das batalhas e dos tratados.

No que diz respeito às redes de relações e formas de inserção no campo intelectual francês, as distinções também são evidentes. Hauser e Albertini eram provenientes de uma tradição republicana e laica, ao passo que Deffontaines e Tapié mantinham uma estreita vinculação com o movimento católico.

Novas diferenças surgem com relação à difusão de trabalhos e temas brasileiros na França. Hauser e Deffontaines, especialmente este último, tiveram um papel importante na divulgação do Brasil, publicando resenhas e escrevendo artigos e livros sobre o país; Tapié teve um papel mais restrito, e Albertini e Bon não abriram nenhum canal nessa direção.

A comparação dos professores que vieram para o Rio com os que foram para São Paulo e participaram da criação do curso de História da USP também é bastante reveladora. Se tomarmos os nomes de Émile Coornaert, professor de História Moderna na USP em 1935, e Fernand Braudel, sucessor de Coornaert (1936-1938); de Pierre Deffontaines, professor de Geografia Humana na USP em 1935 e seu sucessor Pierre Monbeig (1936-1946) (Massi, 1991), perceberemos características semelhantes, mas também alguns traços divergentes.

Assim como os que vieram para o Rio, os professores que foram para a USP pertenciam a gerações diferentes, ligavam-se a tradições historiográficas distintas e integravam-se a redes de relações diversas. Émile Coornaert nasceu em 1886 e tinha 16 anos a mais que Fernand Braudel. Em função dessa diferença, vieram para o Brasil em estágios diferentes de suas carreiras. Coornaert já tinha concluído seu doutorado e era *directeur de recherche* da École Pratique des Hautes Études, cargo obtido numa disputa em que derrotou nada menos que Marc Bloch. Tinha laços estreitos na Sorbonne, contatos importantes na *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine* e na *Revue d'Histoire Moderne*, onde publicou resenhas e artigos sobre autores e temas brasileiros. Sua obra, no entanto, foi objeto de comentários críticos de Bloch e Febvre.

Já Braudel ainda estava em início de carreira. Era um brilhante professor do ensino secundário, que, após um estágio na Argélia e antes de vir para o Brasil, lecionara no Liceu Henri IV, em Paris. Ainda que não mantivesse, nessa ocasião, contatos mais estreitos com Bloch e Febvre e não tivesse publicado nada nos *Annales* e muito pouco em outros periódicos, mantinha relações próximas com Hauser e tinha espaço para publicar na *Revue de Synthèse*, de Henri Berr.²⁰

Se avançarmos nessa comparação e tomarmos as trajetórias dos geógrafos Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig, mais uma vez constataremos a diversidade de formação. Além de terem 14 anos de diferença de idade – Deffontaines nasceu em 1894 e Monbeig em 1908 –, suas trajetórias eram completamente diferentes. Enquanto Deffontaines era vinculado a grupos católicos na França e no Brasil, Monbeig foi indicado pelo anticlerical Hauser e, na França, sua rede de relações passava por Demongeon e Lucien Febvre.²¹

Um outro aspecto que merece ser apontado são as diferenças de atuação entre os professores de Geografia e os de História. Os historiadores que para aqui vieram trouxeram bibliografia atualizada, métodos e técnicas de pesquisa,

²⁰ Ver resenha de F. Brandel sobre o livro de H. Hauser publicado na *Revue de Synthèse*, 1935.

²¹ Ver carta de P. Monbeig a L. Febvre 1939, Arquivo IMEC – Fundo Henri Berr.

propuseram sugestões para o formato dos cursos e, em alguns casos, chegaram a publicar textos referentes ao Brasil. No entanto, essa temática nunca chegou a ocupar um lugar de relevo em suas obras.

Já os geógrafos estabeleceram laços de outra natureza com o país. Não só permaneceram um período mais longo, tanto Monbeig como Deffontaines, como viajaram pelo interior realizando pesquisas, formando gerações de novos alunos, criando instituições e elegendo o Brasil como tema central de suas obras. A reflexão geográfica no Brasil era incipiente, e a pesquisa praticamente inexistente. Assim, os geógrafos franceses ocuparam um espaço vazio, vieram para constituir uma Geografia brasileira, e isso é válido tanto para São Paulo como para o Rio de Janeiro (Massi, 1991).

No que diz respeito à História, o quadro era outro. Já antes da criação das universidades o campo dos estudos históricos era bastante desenvolvido e objeto de grande interesse e controle por parte do Estado e das elites do país. O professor Eduardo França, referindo-se às características do ensino e da pesquisa da História na USP dos anos 1930, e à influência dos professores franceses, declarou: “A História do Brasil não teve a sorte da Geografia do Brasil. A Geografia se atualizou, renovou-se profundamente, com Deffontaines e Mombeig, mas a historiografia teve retardado o seu processo de modernização” (Freitas, 1993).

Maria Yedda Linhares faz um diagnóstico semelhante para os cursos de História no Rio de Janeiro. No seu entender, os problemas para o desenvolvimento da pesquisa nos cursos de História derivavam do controle que o catedrático Hélio Viana tinha sobre a pesquisa referente a temas brasileiros, que impedia a criação de novos centros de pesquisa dedicados, por exemplo, à História Contemporânea do Brasil.

Esses dados, rapidamente alinhavados, indicam que em São Paulo, a exemplo do que ocorria no Rio de Janeiro, dominava uma diversidade de orientações entre os professores e também diferenças geracionais. Os profissionais que vieram para o Rio eram visivelmente mais velhos e titulados, enquanto para São Paulo dirigiram-se professores mais jovens. Por outro lado, se há

pontos de convergência entre as concepções de História que prevaleciam no Rio e em São Paulo, também aparecem diferenças.

Um balanço das informações apresentadas nos permite traçar algumas conclusões provisórias. Se a influência dos professores franceses se mostrou limitada no que diz respeito a uma nova maneira de fazer História no Brasil, sua presença foi importante com relação à atualização bibliográfica dos alunos, à estruturação dos cursos criados e ao desenvolvimento de canais de intercâmbio entre as comunidades universitárias francesa e brasileira. Este último aspecto vale muito mais para São Paulo do que para o Rio, onde os laços pessoais e institucionais com os mestres franceses se diluíram ao longo das décadas seguintes.

Um outro aspecto importante que nem sempre mereceu a devida atenção são os efeitos das missões universitárias francesas em termos de uma maior difusão da História, da Geografia e da Cultura brasileiras na França. Foram numerosas as publicações dos professores franceses que vieram para o Rio e São Paulo divulgando, através de artigos, resenhas de livros e ensaios historiográficos, o que se fazia e como se fazia pesquisa em História e em Ciências Sociais no Brasil. Também é importante esclarecer que não havia um canal exclusivo ou predominante para essa difusão. Cada um desses professores, de acordo com a sua rede de inserção na França, apresentava sua produção em diferentes revistas, como a *Revue Historique*, *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine* e os *Annales*, e também em conferências, cursos e palestras.

Por tudo isso, pode-se dizer que os integrantes dessas missões universitárias propiciaram uma verdadeira “redescoberta” do Brasil pela França nos anos 1930. Talvez essa tenha sido a sua mais importante contribuição para o Brasil.

~ Referências bibliográficas

CAPELLATO, Maria Helena, et COELHO, Maria Lygia Prado. *À l'origine de la collaboration franco-brésilienne: une mission française à la Faculté de Philosophie de São Paulo*. Préfaces, 1989.

- CARBONELL, Charles-Olivier et LIVET, Georges (dir.). *Au berceau des Annales. Le milieu strasbourgeois, l'Histoire en France au début du XXème siècle*. Actes du Colloque de Strasbourg, 1979.
- CARELLI, Mário. *Interactions culturelles franco-brésiliennes. France-Brésil. Bilan pour un relance*. Paris: Entente, 1987.
- CEDRONIO, Marina (org.). *François Simiand, Méthode historique et Sciences Sociales*. Paris: Éditions des Archives Contemporaines, 1997.
- CHARLE, Christophe. *La République des Universitaires – 1870-1940*. Paris: Seuil, 1989.
- CLARK, Terry. *Prophets and Patrons. The French University and the Emergence of the Social Sciences*. Havard University Press, 1973.
- CROUZET, Denis. *Les Guerriers de Dieu – La violence au temps des troubles de religion*. Paris: Champ Vallon, 1995, t. I, pp. 61-75.
- DUCLERT, Vicent. *Histoire, historiographie et historiens de l'affaire Dreyfus*. Colloque la postérité de l'affaire Dreyfus, Orléans, 1996.
- DUMOULIN, Olivier. *Profession historien*. EHE. SS, Paris, 1983. (Tese de Doutorado)
- FÁVERO, Maria de Lourdes (coord.). *Faculdade Nacional de Filosofia. Projeto ou trama universitária?* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1989. Série FNFI, v. I.
- _____. *A Universidade do Distrito Federal (1935-1939)*: Centro de Estudos e Produção do Saber. Rio de Janeiro: mimeo, s/d.
- FEBVRE, Lucien. *Un Champ privilégié d'études: l'Amérique du Sud*. Annales d'Histoire Economique et Sociale, n. 1, 1929, Paris.
- FREITAS, Sônia Maria. *Reminiscências*. São Paulo: Maltese, 1993.
- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Política e Mecenato*. Rio de Janeiro: mimeo, 1998.
- HAUSER, Henri. *L'Enseignement des Sciences Sociales*. Paris: Chevalier-Marescq et Cie. Editeurs, 1903.
- _____. *L'Enseignement de l'Histoire Economique en France*. Revue Historique, tomo 3, 1931.

- KARADY, Victor. *Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la sociologie chez les durkheimiens*. Revue Française de Sociologie, t. XX, Paris, 1979.
- KEYLOR, William. *Academy and Community – the Foundation of the French Historical Profession*. Cambridge, Massachusetts: Havard University Press, 1975.
- LEFÈVRE, Jean-Paul. Les Missions universitaires françaises au Brésil dans les années 1930. *Vingtième Siècle – Revue d'Histoire*, n. 38, avril-juin 1993.
- LINHARES, Maria Yedda. Entrevista publicada na *Revista Estudos Históricos*, n. 10, 1992.
- MAUGÜÉ, Jean. *Les dents agacées*. Paris: Buchet-Chastil, 1982.
- Marc Bloch – Lucien Febvre. *Correspondence 1928-1933*. V. I, Paris: Fayard 1994.
- MARTINIÈRE, Guy. *Aspects de la coopération franco-brésilienne*. Grenoble: Press Universitaire de Grenoble, 1982.
- MASSI, Fernanda Peixoto. *Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na Universidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1991.
- NOIRIEL, Gerard. Naissance du métier d'historien. *Genesis*, I, sept. 1990.
- PAIM, Antônio. Por uma universidade no Rio de Janeiro. In: Schwartzman, Simon (org.) *Universidades e Instituições Científicas no Rio de Janeiro*. Brasília: CNPq, 1982.
- PARIS, Erato. *La Genèse intellectuelle de l'œuvre de Fernand Braudel; La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l'époque de Philippe II (1923-1947)*. Paris: EHESS, 1997. (Tese de Doutorado)
- SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena et COSTA, Vanda Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra, Edusp, 1984.
- VENANCIO FILHO, Alberto. Henri Hauser e o Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 153 (396): 887-893, jul./set. 1997.
- WEISZ, George. L'Ideologie republicaine et les Sciences Sociales. La chair d'Histoire d'Économie Sociale à la Sorbonne. *Revue Française de Sociologie*, XX, 1979.